

Ficha Técnica

Título

NOVAS FORMAS DE COOPERAÇÃO: ESPAÇOS DE CONVERGÊNCIA NOS PAÍSES LUSÓFONOS
XXI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Editor

Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP)

Coordenação Editorial

Teresa Botelho

Secretariado Executivo, Organização e Revisão dos Textos

Teresa Botelho / João Guerreiro

Capa / Arranjo Gráfico

Helder Rodrigues (Universidade do Algarve)

Impressão e Acabamento

Clio - Artes Gráficas, Lda.

Tiragem

500 Exemplares

ISBN

978-989-8271-05-1

Depósito Legal

344903 / 12

Todos os artigos desta edição são da exclusiva responsabilidade dos seus autores

Latitude Zero - Ensinar no Equador

Uma Experiência de Cooperação com São Tomé e Príncipe - Docência e Investigação (2005-2011)

Sara Marques Pereira¹
Renata Monteiro Marques²

Relato da experiência de cooperação realizada entre a Universidade de Évora e o Instituto Politécnico de São Tomé e Príncipe (ISPSTP), com balanço das diversas actividades desenvolvidas no campo da investigação e da docência, em particular o projecto Fontes para a História da Educação em São Tomé e Príncipe (1857-1975) realizado em conjunto com uma equipa de ex-alunos, actuais docentes e investigadores são-tomenses, que no caso presente, constituem também o primeiro grupo de licenciados por aquela instituição em História e Geografia.

Reflexão sobre as formas possíveis de cooperação com as diversas instituições no terreno, Arquivo Histórico, ISPSTP, Ministério da Educação e Cultura, etc e ainda no campo da formação superior, experiência dos alunos santomenses que estão a realizar mestrados na Universidade de Évora.

1. A cooperação com o Instituto Superior Politécnico de São Tomé e Príncipe (ISPSTP) iniciou-se no ano de 2005, no âmbito de contacto pessoais estabelecidos com o seu então presidente, o Dr. Lúcio Pinto. O facto de ser também de História facilitou o interface e os objectivos estipulados, que na base tinham a cooperação da Universidade no curso de complemento de formação dos bacharéis de História e Geografia, primeiros alunos do jovem Instituto Politécnico, criado em 1997. O próprio Instituto estava, como se pode ver, a dar os primeiros passos, promovendo essencialmente a formação de professores do ensino secundário, trabalho que o seu presidente ia conseguindo com pleno sucesso.

Tratou-se, então, de dar um passo ainda mais significativo: licenciar aqueles alunos através da frequência de um complemento de formação de dois anos, cooperando a Universidade de Évora com as disciplinas de Pedagogia e História da Educação, Seminário de Investigação e Psicologia, que teve a colaboração da Prof. Adelinda Candeias, também do Departamento de Pedagogia.

Lembro-me, como se fosse hoje, da conversa tida com o Dr. Lúcio no seu gabinete, no frio do ar condicionado ligado, em que ele afirmava a necessidade que tinham deste tipo de cooperação, e que a mesma se tornasse realidade, pois propostas de outras instituições portuguesas haviam aparecido mas por razões várias, acabavam se esfumando e não apresentando resultados práticos.

¹ Prof. Auxiliar da Universidade de Évora

² Doutoranda da Universidade de Évora

Lembro-me, por isso, de lhe assegurar, veementemente, que com a Universidade de Évora essa cooperação iria ser uma realidade, que apostaríamos em metas modestas e tangíveis o que, felizmente, aconteceu. Foram extraordinariamente gratificantes esses dois anos de ensino no ISPSTP, o sucesso do primeiro ano fez com que fosse convidada a dar o Seminário de Investigação ao mesmo grupo de alunos. A amizade estreitou as relações e tornou possível lançar o projecto: *Fontes para a História da Educação em São Tomé e Príncipe (1857-1975)*, de que adiante se falará.

O Complemento de formação foi realizado com sucesso por todos os onze alunos, de que deixo aqui o nome: Aclésia Francisco, Vicente Alves, José António Miguel, Celso Boa-Morte de Sousa, Hilária Andrade, Amaro Gaudêncio Mendes, Ernesto Lima de Carvalho, Carlos Mota Costa, Ernestino Soares e Guilherme Vilhete.

2. Num país com grandes marcas de subdesenvolvimento, apesar de ter sido beneficiário já de vários projectos de apoio à educação, desde a Cooperação Portuguesa ao Banco Mundial, passando por ajudas específicas de outras entidades, as ilhas de São Tomé e Príncipe são, sob tantos aspectos, um paraíso perdido, lindíssimo, mas com excruciantes problemas de saúde, pobreza e educação.

Pacíficas, as ilhas não enfrentaram os problemas da guerra colonial ou das guerras civis que se sucederam à independência, sintomaticamente outorgada por Portugal em 1975. Todavia, a desestruturação económica e social foi profunda no período pós independência, ampliada pelos atavismos históricos da antiga colónia, que a fizeram mais conhecida como lugar de 'desterro' e 'cemitério de brancos', do que como um espaço 'civilizável' e de promissor desenvolvimento, mau grado as fugazes décadas de prosperidade dos ciclos de café, e principalmente do cacau (1870-1920).

Apesar de se ter evoluído visível no aumento das taxas de escolarização básica que rondam actualmente os 90 %.- também é consensual ouvir que a qualidade desta escolaridade é baixa, e as condições escolares muito precárias. Basta, aliás, visitar alguns edifícios escolares da periferia, antigas escolas primária em bastante mau estado, onde uma pobreza confrangedora é visível na degradação do mobiliário escolar, ou na ausência de matérias escolares, mesmos os mais básicos, como canetas, lápis ou papel... A rede escolar ainda obriga muitas crianças a percorrerem quilómetros por dia para frequentarem a escola, se as aulas são de manhã, a ida e a volta, levam o dia quase todo, por isso de manhã, ao almoço e ao final da tarde as romarias de crianças com batas azuis (escola primária) invade os laterais das estradas por toda a ilha. Conscientes deste problema os educadores são os primeiros a lamentar a situação, não existem livros, a energia é intermitente, ou inexistente, a água também. Em algumas escolas, nas cantinas paupérrimas, funcionários e professores tentam fazer o 'milagre da multiplicação' do pão ou do leite.

No nível secundário o panorama é ligeiramente diferente, com alguns antigos liceus a funcionar na capital ou nas proximidades, e outros nas maiores localidades da ilha. Quase que se contam pelos dedos de uma mão. Sobrelotados, com três regimes de funcionamento (manhã, tarde e noite) vêm, contudo, tendo um crescente número de professores que o ISPSTP foi formando, que se juntam a outros formados no tempo colonial (já poucos), ou então no âmbito de projectos de apoio como o da Fundação Gulbenkian nos anos oitenta.

Mas também aqui a qualidade é muito baixa, alguns destes docentes fizeram apenas um bacharelato, sem posteriores reciclagens. E é neste campo – da formação docente – que o ISPSTP vem desenvolvido a actividade.

São Tomé e o Príncipe precisam das duas principais alavancas para a reorganização e requalificação educativas: mais e melhores escolas, mais e mais bem preparados professores. Quanto aos alunos esses já existem, e ávidos de aprender, mas também aqui se torna necessário juntar a taxa de escolarização uma maior exigência nos estudos, re - dotar o sistema de ensino santomense de uma cultura de esforço que se perdeu, como ouvimos de tantos dos nossos entrevistados.

Com a experiência destes sete anos, tornou-se muito evidente para nós que a cooperação com São Tomé tem de ser persistente, ou seja, uma iniciativa lançada que não é acompanhada nos passos necessários até à sua auto-suficiência completa, falha. E este principio aplica-se a todos os sectores, não apenas à educação. Por exemplo, tivemos muitas vezes oportunidade de constatar que nas roças, pequenas cantinas ou postos de saúde montados e equipados por organizações internacionais e ONG's, acabavam na ruína um ano ou dois apenas volvidos, se essas instituições não acautelaram a sua manutenção com santomenses e os formaram nesse sentido. O mesmo vimos acontecer a projectos escolares, pequenas creches ou escolas (re)construídas e deixadas à sua sorte praticamente desaparecerem em pouco tempo, se não é acautelado o seu acompanhamento e manutenção. Em São Tomé o que a incúria humana faz, o clima completa. Casas recém construídas, se não são mantidas em poucos anos se degradam, que o digam os operadores turísticos que aí investem.

Muitas das antigas roças, ou empresas agrícolas, como foram chamadas depois da independência e reforma agrária, são ainda importantes centros das comunidades rurais. A maior parte, abandonada à sua sorte sem condições mínimas de existência e salubridade, quanto mais infra-estruturas educativas. Exceptuam-se as grandes roças de Agostinho Neto (Rio do Ouro), Monte-Café, Diogo Vaz, Praia das Conchas ou Água-Izé com escolas básicas a funcionar com alguma regularidade. Uma medida importante seria a da (re)construção de uma rede de escolas básicas para serviço destas comunidades das roças, sedentarizando os alunos e promovendo uma melhor e maior escolarização. Nos anos quarenta e cinquenta do século passado, ainda no período colonial, algumas roças construíram escolas e creches para os filhos dos seus trabalhadores, um pouco à semelhança do que duas décadas antes havia obrigado à construção dos hospitais / enfermarias e farmácias/ dispensários farmacêuticos. Algumas permaneceram, outras foram abandonadas e não passam hoje de ruínas.

A escola é símbolo e veículo de civilização. Os esforços realizados pelos sucessivos governos de São Tomé e Príncipe de promover a educação são meritórios, mas ainda estão longe de ser suficientes, por vezes os auxílios que chegam por meio de projectos de cooperação não são suficientemente aproveitados acabando, por se perder sem grandes retornos para o país. Passaram mais de trinta e seis anos sobre a independência e o que falta fazer é imenso, apesar disso, consideramos que São Tomé e Príncipe tem qualidades únicas pelo facto de não ter conflitos armados, não se confrontar com excesso populacional, não ter ainda, sequer, grandes taxas de SIDA e, pelo contrario, estarem a dar resultado as campanhas de redução da malária levadas a cabo pelos franceses e Taiwandeses em ambas as ilhas.

3. A cooperação com o *Arquivo Histórico de São Tomé e Príncipe*, criado em 1973, tem sido excelente, e temos muito a agradecer, aqui também, à Dra. Anabela Barroso, que tudo tem feito para nos facilitar a vida colaborando em tudo o que pode. Todavia o arquivo tem diversos problemas es-

truturais, a falta de espaço, é evidente; a falta de formação específica dos funcionários também, isto apesar da imensa simpatia com que nos ajudam! As modestas condições do gabinete da directora são bem representativas do que referimos, faltam meios informáticos para organizar e armazenar documentos, a falta de energia que cria transtornos imensos. O projecto *Memória de África* (Fundação África – Portugal e Universidade de Aveiro) tem levado a cabo a recuperação – digitalização de algum acervo documental, principalmente imagens. Contudo o arquivo tem pouca capacidade para tratar espólios que possa receber, quer do ponto de vista de armazenamento, quer do seu tratamento. Equipas da Torre do Tombo estiveram já no Príncipe para recolha e catalogação daquele que supostamente deveria ser o núcleo documental mais antigo de São Tomé, pois aquela ilha foi capital durante os séculos mais recuados, só mudando no início do séc. XIX para São Tomé.

Como trabalhamos essencialmente o *Boletim Oficial de São Tomé e Príncipe* (1857-1975) não encontramos grandes problemas, isto apesar de faltarem alguns anos na colecção. Contudo, quando queremos fazer levantamento de outro tipo de documentos já tudo se torna mais complicado. Apesar de existirem os catálogos publicados no tempo colonial, a sua correlação com a localização actual dos documentos não é evidente, e muito ainda está fora dessa catalogação. O Arquivo Histórico publicou em 1999 um Inventário que é uma ajuda importante, mas temos a noção do muito que ali falta. Por exemplo, os arquivos das roças estão desaparecidos ou muito danificados, isso se exceptuarmos aqueles que pertenciam a grandes empresas, como a Vale Flor, ou do Banco Nacional Ultramarino, e se encontram em Portugal.

Seria importante a cooperação na formação arquivística dos técnicos do Arquivo Histórico, mas uma formação muito prática, como nos tem dito a Dra. Anabela. Claro que faltaria ainda o espaço, bem como os recursos técnico-informáticos. Com isto poderiam aparecer novos catálogos, com possibilidade de cruzamento com fundos existentes no Arquivo Nacional Ultramarino, Torre do Tombo, Biblioteca Nacional, etc.

4. A Biblioteca do Instituto Camões tem sido também um importante apoio no nosso trabalho, muitas vezes tem colecções mais completas, ou complementares dos catálogos do Arquivo Histórico. Não esquecendo o trabalho fundamental de difusão da cultura portuguesa que tem feito, colocando no centro da cidade, à disposição de estudantes e interessados centenas de títulos de clássicos da lusofonia, bem como jornais e outras publicações periódicas que chegam nos voos semanais da TAP, não sei se nos da STP AIRWAYS também.

5. O Projecto Fontes para a História da Educação em São Tomé e Príncipe (1857-1975) foi iniciado em 2006, no âmbito do Seminário de Investigação em que participaram os onze formandos do Complemento de Formação iniciado em 2006 no ISPSTP, ao abrigo do Protocolo assinado entre a Universidade e aquela instituição – sendo realizado no Arquivo Histórico daquela cidade, tem vindo a contar também com o apoio da Dra. Anabela Santos, Directora do mesmo arquivo, como já referimos. Em Portugal o projecto foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, a quem aqui deixamos o nosso agradecimento, e pelo CIDEHUS (Centro de Investigação da Universidade de Évora)

O objectivo é proceder à publicação deste Roteiro de Fontes (c/ CD-ROM), bem como dos documentários sobre as Memórias da Educação em São Tomé e Príncipe. Acreditamos que constitui um trabalho completamente inédito para a História e a Memória da Educação em São Tomé e Príncipe,

instrumento de trabalho fundamental para Historiadores da Educação dos dois países, bem como para a população portuguesa e são-tomense em geral. Esta edição é constituída por quatro partes, estando também prevista a edição de um CD-ROM para acesso a imagens e dados:

1º Parte: Levantamento do *Boletim Oficial da Província de São Tomé e Príncipe (1857-1975)*, a primeira publicação periódica iniciada após a introdução da tipografia no território em 1857. De periodicidade semanal, com algumas variações ao longo dos anos, nele se publicavam todos os documentos oficiais relativos à Colónia, leis gerais, bem como notícias respeitantes ao quotidiano das ilhas. O levantamento incide em todos os temas dedicados à educação: abertura de escolas, matrículas, exames, colocações de professores, inspecções, regulamentos escolares, festividades, rotinas, etc.

Foram levantados 118 anos, estando já realizada a informatização e uniformização da base de dados com mais de 6000 registos catalogados por: data – nº de BO. – Página – assunto: (ex: Sábado 29 de Janeiro de 1876, página 41, BO. nº 5 – *Estatística de frequência dos alunos das diferentes escolas de instrução primária durante o mês de Agosto de 1875.*)

Como referimos atrás tivemos dificuldade em encontrar a colecção completa em São Tomé, alguns números encontramos no Arquivo Histórico Ultramarino e na Biblioteca NACIONAL, os mais antigos, mais recentes. no Arquivo Distrital de Évora.

2º Parte: Memórias Educativas – recolha, por entrevista ou textos, de um conjunto de cerca de 60 testemunhos sobre a educação em São Tomé e Príncipe no séc. XX. Estão realizadas 45 entrevistas, que neste momento estão a ser editadas, contamos recolher mais vinte na missão deste ano. Este trabalho tem sido extraordinário, e apesar das condições técnicas das entrevistas não serem por vezes as melhores, por serem exteriores, por vezes de pessoas já com muita idade, etc. O facto é que é extremamente interessante o painel conseguido até agora, desde personalidades da vida santomense, até desconhecidos entrevistados nas roças, muitos de avançada idade, pois se procurou que estas memórias apanhassem as gerações que haviam feito a escola, principalmente a primária, antes da independência. São mais de dez horas de gravação até a momento.

O objectivo é realizar uma espécie de documentário que envolva a descrição histórica da evolução da educação em São Tomé, e o relato na primeira pessoa dessa realidade educativa. Contamos ter o trabalho realizado no próximo ano de 2012.

6. Para concluir, damos conta dos alunos que estão hoje a concluir o seu mestrado na Universidade de Évora, estudando o tema da História da Educação em São Tomé, o Dr. Carlos Castro cujo trabalho é sobre o *Liceu Nacional de São Tomé – Estudo do desenvolvimento organizacional (1953-1975)*; e o do Dr. Guilherme Vilhete sobre *A Educação em São Tomé e Príncipe na transição da Monarquia para a República (1890-1911)*. O Dr. Carlos Castro já entregou a sua tese, aguardando agora a defesa.

É com satisfação que vemos que a cooperação iniciada em 2004 deu frutos. Esperamos que estes alunos sigam para doutoramento, e trabalhamos para ter editados todos os trabalhos de investigação realizados, quer o Roteiro de Fontes, quer o Documentário sobre as Memórias da Educação.

Soubemos há poucos dias, que o ISPSTP tem já uma Comissão Instaladora da Universidade Pública de São Tomé e Príncipe (UNISTP), presidida pela Dra. Alzira Rodrigues, actual Presidente do ISPSTP, tendo solicitado uma reunião de trabalho na Universidade de Évora para troca de experiências e apoio nessa construção da Universidade Pública de São Tomé.